



A ESTÉTICA NA (RE)SIGNIFICAÇÃO DE VALORES ÉTICOS DO(A) EDUCADOR(A) AMBIENTAL

TAVARES, Claudia Moraes Silveira¹; BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos²; SCHMIDT, Elisabeth Brandão³.

¹ PPGA/FURG, clamosilta@yahoo.com.br; ² FaE/UFPel; CTI/FURG, attos@vetorial.net; ³ IE/PPGEA/FURG, elisabethschmidt@furg.br

As relações humanas sofreram profundas alterações ao longo do tempo, devido a vários motivos, quais sejam, o crescimento exacerbado dos meios de transporte, das indústrias, da própria população, ou mesmo da forma e rapidez vertiginosa que são difundidas as informações e imagens no complexo processo global. A multidimensionalidade do processo da globalização faz com que nos defrontemos com problemas referentes à capacidade de suporte da Terra e à própria condição de vida da espécie humana. Neste momento, quando as questões ambientais *pipocam* em nossas vidas, pelas consequências socioambientais visíveis, a Educação Ambiental (EA), aqui entendida não como uma categoria ou disciplina, mas sim como uma tônica necessária à Educação como um todo, tem como meta desempenhar o necessário e essencial papel de fomentar a afinidade das pessoas e da sociedade em geral, ao paradigma da consciência. Esse paradigma que se refere à coexistência, à corresponsabilidade, ao respeito à diversidade – sociopolítica e cultural –, à vida, ao planeta Terra e ao universo, impulsiona a atenção para novos/outros valores, assim como para a percepção humana em diversas ações/situações, citando, por exemplo, os valores éticos¹ e estéticos. A educação do sensível, em especial a do *olhar*, assim como o pensamento complexo, favorecem a percepção das questões estéticas que orientam os valores éticos, as mentalidades e os comportamentos – fatores reveladores do sentido de pertencimento dos seres humanos com relação ao meio, que permitem o *cuidar* das instâncias ambientais (internas, externas, locais e globais) como parte de si próprio.

O presente trabalho investiga as interrelações entre Estética e Ética na constituição de educadores ambientais diferenciados. A questão de pesquisa que orienta o estudo está expressa na pergunta: *Como (re)significar a Educação Ambiental sob o ponto de vista dos valores ético-estéticos?* A pesquisa é caracterizada por sua complementaridade: é de natureza bibliográfica, apoiada em revisão da literatura e envolve a realização de entrevistas com reconhecidos pesquisadores da EA. Consiste, *a priori*, numa proposta de investigação de caráter

¹ O conceito de *valores éticos* utilizado na presente reflexão tem como base o entendimento de Nicola Abbagnano (2000), que considera a ética como a ciência do *móvel* da conduta humana, apontando seus “motivos” ou “causas”, ou das “forças” que a determinam, pretendendo ater-se ao conhecimento dos fatos.

antropológico e social, caracterizada como recurso de compreensão do mundo circundante, um processo que busca evidências da necessidade do desenvolvimento de uma *razão sensível* que efetive a EA como uma fusão da Ética e da Estética. Para a análise dos dados produzidos por meio das entrevistas tem-se como recurso metodológico a *Análise Textual Discursiva*. Os resultados da pesquisa apontam para algumas questões que respondem à problemática e aos objetivos formulados. De modo geral, as normas éticas que conduzem e controlam as sociedades negligenciam as particularidades, a alteridade, o que faz emergir a necessidade de uma articulação com a estética para uma realização humana mais efetiva e sincera. A partir da percepção sensorial, ampliamos nossa reflexão e nos preparamos para o próprio manejo dessa alteridade, dessa relação com o Outro (reconhecimento e acolhimento da alteridade absoluta do outro, seja ele de natureza humana ou não) na compreensão de que o mesmo está sempre fora como dentro de nós. As relações éticas necessitam da arte para a prevenção da insensibilidade com o Outro, nos auxilia para uma contínua desconstrução das realidades estereotipadas de pensamentos e comportamentos, para o reconhecimento do próprio limite do conhecimento racional.

As questões ético-estéticas correlacionadas com a EA podem ser pensadas numa relação de negação: o não estar define a relação estética com as coisas – o estranhamento. O Outro, que está fora e dentro de mim ao mesmo tempo e não somente a percepção deste, mas numa ética do reconhecimento é pensado na medida em que nós não mantemos uma separação para com ele. É primordial, em uma dimensão educativa, dialogarmos sobre os valores estéticos, os quais implicam nos éticos, sobre a forma como nos relacionamos com o mundo através dos sentidos, antes mesmo de qualquer ação educativa. Valores que podem ser construídos a partir de um olhar mais justo para com as relações socioculturais, favorecendo outras posturas frente ao meio ambiente. A interação dos sujeitos com distintos saberes possibilita a (re)construção do *olhar* – condutor de mentalidades e comportamentos. É preciso que o indivíduo se perceba como agente de transformação nas relações ambientais; para isso necessita antes ter um *novo olhar* sobre o mundo, inserir-se culturalmente de uma outra/nova forma na sociedade. Vivemos, muitas vezes, de forma artificial, superficial, afastados de nós mesmos, ignorando possibilidades de relações mais profundas e sinceras com o Outro.

Através das manifestações, das “potências estéticas”, sabemos que se faz possível o questionamento de diferentes perspectivas, movimentos, enfim, até do papel do próprio saber, no que se refere à sua capacidade para o poder, para o controle. Nessa perspectiva, presenciamos a força, o potencial estético de algumas produções sem pretensões artísticas, ou seja, produções que não se identificam com a instituição museu, sendo sua preocupação maior a potência em suas expressões, visando à transformação dos olhares e pensamentos acatados perante o autoritarismo político, social e cultural, muitas vezes camuflado de democrático. O *olhar sensível* é fundamental para a percepção de manifestações visuais potencialmente estéticas como esta (*Figura 01*), permitindo o contínuo despertar de uma percepção ambiental crítica, humanizada e justa. Na fotografia abaixo reproduzida, podemos detectar sentidos de reflexão sobre as condições humanas e as relações ambientais atuais. Tais “aparições” ficam muitas vezes “esquecidas” frente aos olhares anestesiados pelo excesso de imagens que compõem os cenários das cidades contemporâneas.



Figura 01 **Claudia Tavares**
S/ título, 2008.

Fotografia digital, prédio da Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre.

O que se pretende expressar, com este exemplo, é que posturas reflexivas e críticas das relações estabelecidas na sociedade, nas esferas culturais, econômicas, familiares e históricas, podem ter seu princípio, dentre outras formas, através das manifestações/expressões estéticas que nos rodeiam, diretamente relacionadas às produções de subjetividades, guias de visões e entendimentos que, por sua vez, direcionam atitudes e mentalidades. Ao propor mudanças na educação de modo geral, a EA possibilita transformações nas visões, nos sentidos e nas atitudes da sociedade. Sob o entendimento mais complexo da Vida – em suas correlações, voltada para uma razão sensível, a EA pode permitir o desenvolvimento das capacidades técnicas assim como o despertar da sensibilidade, das questões perceptivas do humano para com o ambiental e o social. Dessa maneira, torna-se possível pensar na transformação humana e favorecer a revisão de alguns valores ético-estéticos naturalizados ao longo do processo histórico, a fim de desenvolver relações mais solidárias, assim como mais reflexivas e críticas da realidade ambiental vigente.

Durante o processo investigativo buscamos o diálogo com autores cujas compreensões da realidade partem do pensamento complexo (MORIN, 2000, 2001, 2002; SATO, 2001, 2002), que discutem o cotidiano dos sujeitos na contemporaneidade (MAFFESOLI, 2003; SZANIECKI, 2007; HERNÁNDEZ, 2007), que consideram as manifestações e a importância das questões do imaginário, como essenciais e complementares na construção do conhecimento (BACHELARD, 1989; BARCELOS, 2006; BRANDÃO, 2005; SATO, 2002, 2007), que constroem suas visões de EA através dos contextos sociais, históricos, econômicos e culturais (GUATTARI, 1993, 1997; LOUREIRO, 2004, 2006; VYGOTSKY, 1989, 2001), que utilizam as histórias de vida na formação pessoal e profissional (JOSSO, 2004) e que vislumbram outras possibilidades paradigmáticas, uma globalização alternativa (SANTOS, 2000). As questões estéticas constituem-se como aspectos relevantes e complementares na formação ética do sujeito para uma (re)significação das posturas incoerentes que presenciamos nas relações ambientais. De incoerência por não corresponderem às urgências de mudanças que exigem uma educação do sensível capaz de orientar e potencializar as ações tanto individuais quanto coletivas. O que defendemos é a necessidade de uma educação conectada com os sentidos, com as concepções individuais e coletivas vivenciadas, possibilitando, assim, a

transformação de comportamentos, o desenvolvimento de novos olhares, de novas maneiras de viver e de criar a própria condição de vida.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gastón. **A chama de uma vela**. Trad. Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1989.
- BARCELOS, Valdo. **(In)visível cotidiano**. Porto Alegre: AGE, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde moro, aqui nós vivemos**: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. 2. ed. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1993.
- _____. **As três ecologias**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1997.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional; revisão técnica: Jussara Hoffmann e Susana Rangel Vieira da Cunha; trad. Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. – São Paulo: Cortez, 2004.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico**: uma abordagem política. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez 2000.
- _____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3. ed. Lisboa: Stória Editores, 2001.
- _____. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SATO, Michèle. **Debatendo desafios da educação ambiental**. In: I Congresso de Educação Ambiental Pró Mar de Dentro. Rio Grande; Mestrado em Educação Ambiental, FURG & Pró Mar de Dentro, 17-21/Maio/2001.
- _____; PASSOS, Luiz A. **Estética da Carta da Terra**: pelo prazer de (na tensidade) com-viver com a diversidade! In: RUSCHEINSKY, Aloísio (org.) Educação ambiental – abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.15-36.
- _____. **Isto não é um texto**. OEI – Revista Iberoamericana de Educación, n.40, 2007. Disponível em: http://www.ufmt.br/gpea/pub_artig.htm
- SZANIECKI, Barbara. **Estética da multidão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- VYGOTSKY, Liev. **A formação social na mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.